

Kardecista ou espírita? Uma oportunidade de debate

Eugenio Lara

A proposta lançada por Jaci Regis de se adotar a expressão doutrina kardecista, kardecismo em substituição a doutrina espírita, espiritismo é uma oportunidade para se debater o caráter da filosofia espírita, suas finalidades, sua identidade, seu *trademark*, como afirma o jornalista José Rodrigues em artigo que acabo de ler intitulado *Afirmção Espírita (Opinião)*, julho de 2009) e que também me suscitou as reflexões a seguir.

Em meu entender, a palavra kardecista comunica melhor do que espírita, muito usada por diversas correntes espiritualistas, principalmente a umbanda. Vejo como uma questão estratégica. Por incrível que pareça, apesar de poucos saberem quem realmente foi Allan Kardec, ele é respeitado, seu túmulo no Père Lachaise, em Paris, é um dos mais visitados. Associa-se, no vulgo, Allan Kardec, kardecismo a “centro de mesa branca”, ao espiritismo

Sem abdicar da terminologia básica do espiritismo, em determinadas circunstâncias o uso das palavras kardecismo, kardecista cai bem. Eu as uso ao me identificar em termos ideológicos no meu convívio social. Os resultados têm sido muito bons, inclusive no censo ou em preenchimentos de fichas cadastrais.

Mas a questão é complexa. A começar pela expressão kardecista que, a rigor, deveria ser kardequista. Kardec, nome próprio, dá origem, pela natureza semântica e formal da palavra, a kardequismo, kardequista, kardequização, kardequizar. Não foi o lema do espírito Bezerra de Menezes: “Kardequizar é o lema de agora”? Mas também poderia ser kardecizar, kardecismo, kardecização, o que denota outro partido linguístico, um outro viés morfológico. Kardecismo ou kardequismo?

Além do problema linguístico há a questão conceitual, a semântica mesmo do termo. Afinal, kardecismo seria então sinônimo de espiritismo? Até que ponto? Mariotti usou o termo para se referir ao método utilizado por Kardec na análise dos fenômenos medianímicos. Os kardecistas formavam uma facção no século retrasado, ao lado dos roustanguistas, científicos e dos místicos.

O erudito e tradutor Canuto Abreu admitia o uso do termo ao considerar apenas a primeira edição de *O Livro dos Espíritos* como uma obra totalmente controlada e editada pelos espíritos, conforme está anunciado no Prolegômenos. Mas a segunda edição e as obras posteriores têm o total controle editorial e autoral de Kardec.¹ No primeiro livro ele é coautor, há aí uma parceria. Pois, afinal, o livro não é somente sobre os espíritos, **é dos espíritos**. Assim como houve o Livro dos Mortos, no antigo Egito. Posteriormente ele assume o controle teórico a ponto de se considerar o fundador da teoria espírita, conforme depoimento seu em *Obras Póstumas*.²

Herculano Pires lançou, na época do Clube dos Jornalistas Espíritas, um periódico espírita intitulado *O Kardecista*. Como se vê, essas questões não são tão novas assim, não nos são estranhas.³

n Erro Histórico - As palavras com o decorrer do tempo podem assumir novas conceituações, diferentes acepções, por conta da semântica, sempre condi-

cionada e muitas vezes determinada diretamente pela cultura, passando ao largo das academias e centros do saber. Todavia, se tivermos que toda hora ficar mudando a nossa terminologia devido a ruídos, deturpações semânticas, barbarismos linguísticos que possam prejudicar a boa comunicação, então cairemos no mesmo erro histórico do espírita francês André Dumas. Ele abdicou do termo espírita numa França cheia de deturpações doutrinárias, cujo resultado mostrou-se funesto para o progresso do espiritismo francês. Por isso a FEB, em conluio com a federação francesa, conseguiu os direitos do nome da *Revista Espírita*, dentre outros que demonstram o erro estratégico de Dumas.⁴

Ele radicalizou, chutou o pau da barraca, como se diz. Enquanto que Jaci Regis propõe uma substituição terminológica vinculada a uma conceituação laica e ortodoxa no melhor sentido, mas destoante de 99% ou mais do movimento espírita. Apesar disso, nada de muito radical, não vejo como ruptura. Kardec, kardecista são termos que não descaracterizam a aparência doutrinária, o conteúdo espírita. Kardec é sinônimo de espiritismo. Ao menos no Brasil.

Rivail também se referiu ao espiritismo como uma escola filosófica, pois, pelo seu conteúdo, possui o direito de figurar ao lado de outras correntes do pensamento filosófico. Portanto, seguindo o seu raciocínio, poderíamos chamar esse conjunto de ideias de Escola Filosófica Espírita ou **Escola Filosófica Kardecista**, o que me parece mais indicado, pois a formulação teórica do espiritismo foi toda definida por Rivail.⁵

n **Identidade** - Ora, afinal somos o quê? Kardecólogos, Kardecologistas, Kardecianos, Kardequistas, Kardequianos, Kardecistas? Poderia até surgir uma dissidência, a Kardecosofia, amálgama de espiritismo com teosofia. Mas de todos esses rótulos, acho kardecista mais sonoro, bonito de se ouvir e falar.

Mas kardecismo também lembra catecismo, pode rimar com misticismo. E aí dá arrepio só de pensar em hinários e doutrinações evangélicas, cristãs. Idem para marxismo, marxista.

O termo marxismo é bem apropriado, vem de Marx, o fundador do materialismo dialético. Mas o espiritismo não surgiu diretamente da mente de Kardec, como o foi a doutrina do materialismo dialético em relação a Karl Marx. Taí a diferença. Pelo conjunto da obra, Rivail é o autor, no entanto, a iniciativa das ideias e fenômenos não foi dele. Foi dos espíritos. Ele foi pego de surpresa, isso sim, reagiu com ceticismo, não imaginava que existisse aquilo tudo, toda aquela fenomenologia. É por isso que posteriormente Kardec afirmou que o espiritismo surgiu “da iniciativa dos espíritos, **sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem.**” (*A Gênese* – cap. I - item 13 - edição da FEB - grifo meu). No trabalho de estruturação do espiritismo, esse **homem**, conforme essa citação, era o Kardec, por uma questão de lógica e de bom senso. E hoje esse “homem” somos nós, todos os que aderiram aos seus princípios, ideias e valores consubstanciados na filosofia espírita.

As ideias todas, em sua grande maioria, contidas na primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, já estavam lá naqueles 50 cadernos ofertados por Victorien Sardou a Rivail, que até hoje ninguém sabe onde foram parar.⁶ Ele fez o trabalho informático, de garimpagem, de síntese, desses cadernos e de comunicações por

médiuns em reuniões familiares, que com o tempo se transformaram na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Um outro aspecto que precisa ser ressaltado é o da dissidência, a questão do cisma. O uso dessas palavras não deve denotar uma dissidência, simplesmente porque não há o que dissidir. O espiritismo é esse que se formou historicamente. É religião e não tem conversa. Foi assim o seu crescimento, como o ovo da serpente⁷. Ao invés de negá-lo, temos de estudá-lo em sua formação histórico-social, como têm feito antropólogos, sociólogos, historiadores, filósofos etc. não necessariamente espíritas. Aliás, imagino que a grande maioria das teses de mestrado ou doutorado sobre espiritismo não são elaboradas por espíritas.

Mas e a terminologia? E a identidade do espiritismo, a começar pela terminologia criada por Kardec? São neologismos, palavras que nunca existiram e passaram a existir, conforme o princípio semiótico antecipado pelo fundador do espiritismo: para coisas novas, palavras novas. “Por que não tendes uma palavra para cada coisa?” afirmaram os espíritos a Kardec.

Não se faz uma adoção ou exclusão terminológica da noite para o dia. Nesse aspecto deveríamos seguir o exemplo das academias de ciência, que realizam congressos e mais congressos para definir um consenso terminológico, um padrão de linguagem, se possível universal, a fim de que a comunicação e o desenvolvimento das ideias e da tecnologia se dê com menos dificuldade.

Espiritismo é uma dessas palavras que tende a sofrer o mesmo destino das palavras religião e socialismo, por terem tido seu sentido deturpado, ampliado em demasia, um polisignificado de efeitos confusos, cheio de ruído. Não há um dicionário, uma enciclopédia, um site na internet ou qualquer outro veículo ou estudo que dê uma definição precisa do que seja espiritismo. Nem os próprios espíritas se entendem neste quesito.

Não sei, no entanto, se a adoção de kardecismo, kardecista daria conta da confusão que se estabeleceu desde que o espiritismo desembarcou aqui no Brasil.

n Doutrina – A expressão doutrina nunca me agradou para se referir ao espiritismo. Procuro evitar. Kardec algumas vezes usou a expressão doutrina espírita. Mas usou.⁸

É muito comum escrever Doutrina, assim mesmo, em caixa alta e baixa, ou Doutrina Espírita. Usa-se como sinônimo de espiritismo. Mas sempre devem ser grafados em caixa baixa, em minúsculas, como é o padrão da linguagem erudita, acadêmica.

O espiritismo é uma doutrina ou uma filosofia? Uma doutrina filosófica? Provavelmente. Afinal, Kardec também usou essa expressão.

Aí entra a velha questão das palavras. Doutrina nos remete a conteúdos religiosos, dogmáticos, doutrina do santo ofício, doutrina cristã, doutrina neonazista, a palavras nem um pouco simpáticas como doutrinante, doutrinador.

A expressão doutrina espírita é perfeita para a mentalidade religiosa do espírita brasileiro. Em três grandes dicionários da língua portuguesa vemos definições semelhantes do verbete doutrina:

DEFINIÇÕES

Caldas Aulete – 1. – Conjunto de dogmas e princípios que fundamentam um sistema ideológico, filosófico, político, religioso etc. (doutrina marxista, doutrina cristã): A doutrina de Descartes. 2. - Crença ou conjunto de crenças que são vistas como verdades absolutas pelos que nelas acreditam: a doutrina da reencarnação.

Houaiss – Substantivo feminino. 1. - conjunto coerente de ideias fundamentais a serem transmitidas, ensinadas. 2. - conjunto de conhecimentos possuídos; ciência, erudição, saber. 3. - Religião - princípio, crença, ou conjunto de princípios ou crenças que tem um valor de verdade absoluta para os que o(a) sustentam e seguem, e que é, no entender destes, o(a) único(a) aceitável. Ex.: d.da reencarnação, da imortalidade da alma, do monoteísmo. 4. - conjunto das ideias básicas contidas num sistema filosófico, político, econômico etc. ou das opiniões de um pensador, de um filósofo. Ex.: d. de Confúcio, d. do marxismo. 4.1. - Derivação: por extensão de sentido. Princípio, ponto de vista ou conjunto de princípios adotados num determinado ramo do conhecimento; teoria devidamente formulada que se fundamenta em fatos (ou pelo menos não é por estes invalidada) e que tem o apoio ou a sanção de uma autoridade no assunto. Ex.: a d. da seleção natural fundamenta o darwinismo.

Aurélio – [Do lat. *doctrina*.] Substantivo feminino. 1. - Conjunto de princípios que servem de base a um sistema religioso, político, filosófico, científico, etc. 2. - Catequese cristã. 3. - Ensino, pregação. 4. - Opinião de autores. 5. - Texto de obras escritas. 6. - Regra, preceito, norma: *Tal procedimento fez doutrina*.

Se há o objetivo de fugir da confusão semântica e criar uma identidade diferenciada da religiosa, então a expressão doutrina kardecista é inadequada. Ela nos remete a concepções dogmáticas, religiosistas, autoritárias e extremamente normativas. A não ser que a intenção seja justamente a de criar uma corrente doutrinária, mas não necessariamente doutrinante. Algo então parecido com uma seita ou grupo disseminado e infiltrado, sem perder a identidade. Ou seja, uma nova facção, um outro movimento, como aconteceu com o Racionalismo Cristão, a Legião da Boa Vontade, ambas surgidas nas entranhas do espiritismo brasileiro, assim como a Umbanda e o Santo Daime. Mas não é o caso proposto.

A proposta da doutrina kardecista pode não ser uma ruptura, mas impõe uma identidade. Ao recolocarmos o fundador da teoria espírita em seu devido lugar, penso que o uso das palavras kardecista e kardecismo pode contribuir nesse sentido, pois é isso que também devem expressar: o verdadeiro papel de Allan Kardec no processo de elaboração do espiritismo — o de protagonista, de codificador, de sintetizador, de fundador, com todos os méritos necessários e notoriamente reconhecidos.

*Eugenio Lara é arquiteto e designer gráfico, fundador e coeditor do site *Pense – Pensamento Social Espírita*, membro fundador do CPDoc – Centro de Pesquisa e Documentação Espírita e expositor do Centro Espírita Allan Kardec, de Santos e do Instituto Cultural Kardecista de Santos (ICKS).*

Notas

¹ “Na edição primitiva, temos o ensinamento espírita direto, imediato, genuíno, espontâneo, puro de origem e vivo como água de rocha, inteiramente novo ou renovado para a época, **dado por Espíritos Prepostos**” (...) Na edição definitiva, vê-se o ensinamento espírita indireto, mediato, assimilado, meditado, depurado e cristalizado, sem o sabor da novidade, procedente de fontes diversas, através de diferentes médiuns. Esse ensinamento foi colhido, estudado, retocado e **coordenado pelo Homem.**” (Canuto Abreu sobre *O Livro dos Espíritos* – Notas do Tradutor in *O Primeiro Livro dos Espíritos de Allan Kardec 1857*, edição bilingue - Companhia Editora Ismael - 1957 - grifo meu)

² “(...) se depois de constituída a teoria, eu tivesse de concorrer para sua instalação, necessário seria que, além da publicação de minhas obras, dispusesse de meios para exercer uma ação mais direta. Ora, creio fora conveniente que **aquele que fundou a teoria** pudesse ao mesmo tempo impulsioná-la, porque então haveria mais unidade. (Allan Kardec – Projeto 1868 - *Obras Póstumas* – edição da FEB – grifo meu)

³ *O Kardecista* foi fundado em 31 de março de 1950 como órgão de divulgação do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo (1948), entidade idealizada por J. Herculano Pires, precursora da Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas (Abrajee), criada por Deolindo Amorim em 1975 e das atuais Associações dos Divulgadores Espíritas.

⁴ André Dumas foi presidente da União Espírita Francesa (UEF) e diretor da *Revista Espírita* na década de 1970. Em 1976, alterou o nome da entidade para União Científica Francofônica para a Investigação Psíquica e o Estudo da Sobrevivência da Alma e no lugar da tradicional *Revista Espírita*, lançou outra publicação denominada *Renaître 2000*. Em 1987 perde os direitos sobre o legado de Allan Kardec numa disputa judicial com a UEF e a FEB que durou dois anos. Dumas desencarnou em 1997.

⁵ Na *Revista Espírita* (novembro de 1868) Kardec analisa a questão aventada por um periódico não espírita de que o espiritismo se constituiria num partido político. E responde: “os espíritas se consideram bem como uma **escola filosófica**, mas jamais lhes veio ao pensamento se acreditar um partido (O Partido Espírita - grifo meu). Chama ainda o espiritismo, em tom irônico, de “pobre pequena **escola**”, “tão ridicularizada, tão zombada...”.(idem – grifo meu). Em outra passagem afirma: “pensamos mesmo que é sob sua **forma filosófica e moral** que o espiritismo encontra os adeptos mais firmes e mais convictos” (Idem - Notícias Bibliográficas – junho – grifo meu).

⁶ Victorien Sardou (1831-1908), grande dramaturgo francês, foi amigo de Rivail e entregou a ele cerca de 50 cadernos que registrava cinco anos de experiências de um grupo mediúnico do qual fazia parte, além de documentação vinda de todo o mundo, especialmente dos Estados Unidos, grande foco dos fenômenos mediúnicos, da chamada “invasão organizada”, no dizer de Conan Doyle. Esses cadernos mais as comunicações obtidas em reuniões mediúnicas familiares, principalmente as realizadas pela família Baudin, foram a argamassa, a matéria-prima para a elaboração da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*.

⁷ Ovo da serpente é uma expressão bíblica que significa “o cultivo de maus pensamentos”. Nome também de um filme do grande cineasta sueco Ingmar Bergman sobre a ascensão do nazismo. Desde Kardec que o espiritismo vem chocando um monte de ovos da serpente. O roustanguismo, contemporâneo do fundador do espiritismo, é um dos mais antigos e notórios.

⁸ No frontispício de *A Gênese*, de Allan Kardec, lê-se: “A **Doutrina Espírita** há resultado do ensino coletivo e concordante dos Espíritos. A Ciência é chamada a constituir a Gênese de acordo com as leis da Natureza. Deus prova a sua grandeza e seu poder pela imutabilidade das suas leis e não pela abrogação delas. Para Deus, o passado e o futuro são o presente” (edição da FEB – grifo meu).